

UMA ANÁLISE NAS ENTRELINHAS: Estudo do Catecismo Indico de Bernardo de Nantes

Tatiane Medeiros Alves

RESUMO:

O presente trabalho busca analisar o catecismo indico da língua Kariri, do frade Capuchinho Bernardo de Nantes. No qual foi escrito a partir de suas relações com duas aldeias da etnia Kariri, Aracapé e Cavalo, às margens do São Francisco, na segunda metade do século XVII. Analisando qual a narrativa acerca do “Sertão” que o Frade constitui e os métodos de catequização utilizados, enfatizando a importância da fonte para a compreensão da cultura Kariri. A pesquisa tem como fonte a tradução de sua obra: “Catecismo da Língua Kariris”. A concepção teórica toma como base a história social em diálogo com os pressupostos da “Nova História Indígena”, fazendo uso da abordagem da Micro-história.

PALAVRAS-CHAVE: Catequese; Indígenas; Capuchinhos.

AN BETWEEN THE LINES ANALYSIS: Study of the Indico Catechism of
Bernardo de Nantes

ABSTRACT:

The present work seeks to analyze the Indico Katechism of the Kariri language, of the Capuchin friar Bernardo de Nantes. In which it was written from his relations with two villages of the Kariri ethnic group, Aracapé and Cavalo, on the banks of the São Francisco, in the second half of the seventeenth century. The research is based on the translation of his work: “Catechism of the Kariris Language”. The theoretical conception is based on social history in dialogue with the assumptions of the “New Indigenous History”, making use of the Microhistory approach.

KEYWORDS: Catechesis; Indians; Capuchins.

Introdução

A documentação produzida por missionários e cronistas constitui-se como fontes cruciais para uma compreensão da história do Brasil a partir de uma perspectiva de análise da História Indígena, sendo suas reminiscências fundamentais no desenvolvimento social do país. A discussão dessa história indígena em consonância com a discussão da categoria “sertão”, são pontos basilares de estudo do contexto colonial tendo como base as relações entre os seus agentes (missionários, colonos, indígenas) e as dinâmicas produzidas.

Posto isso, ambas as perspectivas serão analisadas a partir da obra do Capuchinho Francês Bernardo de Nantes: “Katecismo Indico da Lingua Kariris, acrescentado de varias praticas doutrinaes, e moraes, adaptadas ao genio, e capacidade dos Índios do Brasil (1709’, tendo sido escrita em duas línguas, Portugues e Kariri Dzubukuá, pode ser utilizada para uma compreensão dessa cultura Kariri, percebendo as informações descritas por Bernardo de Nantes; realizar uma análise acerca das influências linguísticas presentes no desenvolvimento da língua portuguesa, como também compreender os métodos de catequização do capuchinho Bernardo de Nantes, mensurando em quais perspectivas esses métodos podem ser aplicados para os demais capuchinhos que se fizeram presente nas regiões do São Francisco.

Além do mais, a fonte possibilita uma discussão acerca da construção do imaginário do sertão, sendo esta categoria associada às regiões de localização de populações indígenas, além de compreender reminiscências da cultura da etnia Kariri, as resistências dessas populações e as adaptações na qual os missionários tiveram que realizar para dar seguimento ao processo colonial.

Em relação às populações indígenas discutidas nessas relações, trata-se de duas aldeias da etnia Kariri, Aracapé e Cavalo, ambas apresentavam

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

aproximadamente um contingente populacional de 200 pessoas, localizadas na região do Médio São Francisco. Essas populações tiveram como administradores dos aldeamentos os Capuchinhos Franceses, ordem Franciscana. A documentação referente a essa ordem é de mais difícil acesso em relação a da presença jesuítica, sendo suas administrações ligadas a sagrada congregação da propagação da fé e não ao do padroado régio, o que levava a disputas de interesses devido a presença estrangeira de autoridades que não as da Espanha ou de Portugal. O processo de missão dessas duas aldeias esteve de início associada ao capuchinho Martinho de Nantes, sendo um dos mais importantes frades que passaram pelo projeto colonial, levou sua relação de catequese até meados de 1683, tendo que passar suas missões para Bernardo de Nantes em detrimento de solicitações para a construção do convento da piedade na Bahia (1687).

A obra aqui discutida foi editada em Lisboa em 1709, sendo um livro bilingue, consta apropriações para o estudo da língua Dzubukuá, pertencente à família linguística Kariri. Os objetivos propostos nesta análise se voltam para uma compreensão do método empregado por Nantes como ferramenta de aprendizado e ensino da língua Dzubukuá; análise dos métodos de catequização empreendidos pelos Capuchinhos Bernardo de Nantes e Martinho de Nantes, uma vez que, além de ambos estarem associados a ordem Capuchinha, Bernardo utilizou de escritos de Nantes para a produção de sua obra; verificar nas entrelinhas escritas pelo missionário aspectos da cultura indígena Kariri e verificar menções as nuances da categoria de sertão em um contexto colonial.

Metodologicamente, esta pesquisa toma como aportes teóricos a História Social, a Nova História Indígena e a Micro-história. A última, compreendida como uma abordagem e/ou metodologia de análise de fontes, inicialmente, constitui-se como um contraponto à macro história, na qual privilegiava os acontecimentos dos “grandes homens”. O modelo tradicional historiográfico começou a ser questionado de maneira enfática em fins dos anos 70 e início do 80. Sendo insuficiente para a

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

contemplação da diversidade histórica, este modelo entrou em crise, assim como o campo da História Social, tendo em conta que as escalas de observação estavam construindo narrativas incompletas, unilaterais.

De acordo com Michel de Foucault (1987), essas problemáticas proporcionaram novas epistemologias que não estivessem centradas nos grandes personagens e narrativas, como o Estado, a religião e a política, além de não considerarem mais que os documentos ditavam as “verdades absolutas”, logo inquestionáveis. Essa abordagem permite a existência de vários contextos e perspectivas de análise, assumindo que diversos personagens podem desenvolver suas histórias e protagonizarem. Tem como pontapé a discussão de um grupo de intelectuais italianos, os Quaderni storici. De acordo com José D’Assunção Barros (2007) se difere de outras abordagens por permitir a redução da escala de observação das escalas de análise, modificando a visão de análise das tramas e narrativas para um ângulo reduzido, não podendo ser confundida com um estudo de uma história regional, tendo em conta que não necessariamente é o intuito de estudar determinada região, por vezes pode ser apenas elementos /ou relações que ocorreram naquela determinada espacialidade.

A partir disso, a escala de observação foi reduzida para a realidade das duas aldeias (Aracapá e Cavalo), administradas pelo Capuchinho Bernardo de Nantes, intentando compreender um contexto maior de colonização e a protagonização da história indígena nesse âmbito. É certo que a análise micro-histórica não permite a compreensão completa da sociedade colonial a partir das fontes discutidas, mas permite, em outra medida, uma análise mais especificamente voltada para os agentes que não seriam discutidos com mais afinco com abordagens generalizantes da história tradicional, como os povos originários, as resistências empreendidas por estes e seus elementos culturais, que foram assimilados pelos agentes coloniais para o curso do projeto colonial.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A dimensão da Nova História Indígena possibilitará uma compreensão do projeto colonial que não se fundamenta em uma perspectiva dos agentes de poder. Sendo os escritos dos missionários fundamentais para essa análise, a mudança de perspectiva de análise se fundamentará em como que Bernardo deixou transparecer o registro dos hábitos e costumes, além de retratar a dinâmica da troca cultural que se sucedeu, na tentativa de buscar elementos da cultura indígena que se assemelhassem a simbologia católica, como forma de auxiliar na catequização. Colocando essas populações originárias como protagonistas de suas histórias.

Utilizo do campo da História Social, uma vez que este discute sobre as estruturas da sociedade, das classes sociais e dos conflitos envolventes nela, analisando as suas práticas sociais, trajetórias individuais e/ou familiares, identidades e valores. Logo, as relações que envolvem o processo de catequização das aldeias Kariri, dos confrontos empreendidos nela perante a ação do Capuchinho, reverberam sobre valores e identidades que estão passando por um processo de troca cultural.

Como aporte teórico, faço menção ao conceito de experiência religiosa a partir de Edward Thompson, o não-dito e economia escriturística a partir de Michel de Certeau. O conceito de experiência religiosa irá contribuir para a compreensão sobre como as dinâmicas culturais produzirão novas experiências, que não estão isentas das nuances de ambas as culturas.

O conceito de não-dito irá ser fundamental na compreensão das resistências cotidianas, que não são descritas com tais denominações a partir do olhar estrangeiro/missionário, mas que são perceptíveis a partir de uma mudança de percepção das narrativas, possibilitadas pela compreensão das “entrelinhas”, bem como a intencionalidade e permissões de produção e publicação das fontes discutidas.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O conceito de economia escriturística diz respeito à perspectiva de mudança de uma determinada realidade, que é descrita a partir da escrita. O projeto colonial e a descrição do processo de catequização de Bernardo de Nantes em sua obra dividida em duas línguas, que objetiva ensinar a história da religião católica para as populações trabalhadas.

A definição de “sertão”, utilizada na pesquisa, haja a necessidade de sua especificação devido sua pluralidade, se alicerça na perspectiva de Robert Moraes (2003), compreendendo que a constituição de valores relativos a um imaginário do sertão não são elementos categóricos formados por materialidade humana ou natural, mas sim a partir de constituições de valores simbólicos específicos que podem ser moldados e aplicados a depender do ponto de vista. Em outras palavras, Moraes (2003) situa que o sertão se constitui a partir de uma intencionalidade de dominação de uma determinada região, a exemplo do projeto colonial na região do médio São Francisco, a partir de uma proposição entre culturas “superiores e “inferiores”, europeus e população indígena. Também se intenciona com a dicotomia entre “litoral” e “sertão”, sendo tais espacialidades, a cidade da Bahia e as aldeias, Aracapé e Cavalo, respectivamente.

A construção da ideia de “sertão”, sendo desde o século XVI em relatos de cronistas e viajantes, tem como fundamento também a dicotomia entre “civilização e barbárie”, em que nas relações missionárias, os indígenas que não estavam aliados aos agentes colonizadores eram considerados como “bárbaros”. Esses valores são presentes nas descrições de Bernardo de Nantes, ao repreender as práticas culturais da população indígena.

Posto os aportes teórico-metodológicos, os resultados iniciais se reverberam em algumas análises dos métodos de catequização, da associação das populações indígenas como pertencentes a locais sertanejos e a aparição do cotidiano e cultura indígena, posto por Bernardo como atitudes “incivilizadas”.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Os valores que corroboram para uma descrição do imaginário que constitui as narrativas de “sertão”, são compreendidos na obra de Bernardo de Nantes a partir de suas associações a cultura indígena e seu cotidiano como aspectos de uma cultura incivilizada e que logo necessita de salvação, de forma especial de suas almas. Fato que justifica, na perspectiva missionária, a necessidade de criação de um Catecismo que possibilite o ensinamento de uma cultura “correta”, logo civilizada, branca e europeia.

Sobre os métodos de catequização, é possível avaliar que Bernardo de Nantes utilizou de variados métodos, desde a assimilação da cultura indígena para a criação do Catecismo, a sua necessidade de se adaptar as suas nuances culturais para a aplicação dos métodos, como também a própria produção da obra em formato bilingue.

Ao desenvolver a sua obra, o capuchinho se preocupou em demonstrar a diversidade dos métodos utilizados, seja a criação de músicas que narram aspectos da cultura católica, fato que delega uma atenção dos envolvidos, uma vez que a música é utilizada como um dado atrativo, seja a dinamização de escrita do catecismo que é escrito a partir de “perguntas e respostas”, ponto facilitador na assimilação dos seus conhecimentos.

Para exemplificar, Bernardo de Nantes pontua: **“P.** He peccado mortal tal vez de mandar vir os feiticeiros, para curar os doentes com assopros. **R.** Sim he.” (NANTES, p. (?), 1709). Essa passagem demonstra que além de utilizar de uma didaticidade em sua obra, ele deixa transparecer alguns elementos da cultura indígena, nas quais ele presenciou e que considerava como “pecados”, uma vez não inseridos na compreensão católica.

No desenvolvimento do catecismo, descreve algumas atitudes que para a compreensão católica, são consideradas como pecados, divididos em pecados “leves” e pecados “mortais”, sendo o ritual da antropofagia enquadrado em pecados

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

mortais. Essas menções revelam aspectos da cultura indígena que Bernardo de Nantes considerava, com seu olhar de estrangeiro e missionário, mais afastadas das dinâmicas de sua própria religião e compreensão.

Outras dinâmicas de catequização perceptíveis são as mudanças de cotidiano das populações indígenas, a exemplo da influencia de mudanças de horários para acordar e dormir, devido a realização das orações católicas, assim como a necessidade de sua realização antes do trabalho e do consumo dos alimentos. Para mais, atenuando as descrições do cotidiano indígena, Bernardo descreve:

não vos lembraries mais por ventura das abusoes de vossos antepassados? não terieis cantado o waiwca (que he câto supersticioso), ou outras cantigas pagãos? Pintaste-vos por ventura de Junipapo, ou de Urucu? (NANTES, 1709, p. 129).

É perceptível nessa passagem as descrições de aspectos das religiosidades dos indígenas, assim como o teor de repreensão que Bernardo denotava em seu catecismo, dando ênfase à descrição de que as práticas que desvirtuar se da compreensão do universo católico eram pecados e deveriam ser repreendidas. A influencia de Martinho de Nantes é percebida no início do catecismo, na descrição dos cânticos.

Considerações Finais

A necessidade de novos olhares epistemólogos para análise de fontes missionárias se faz presente, sendo necessário esses novos aportes para construção de histórias que não estejam enraizadas em perspectivas únicas, que reproduzem estereótipos e que releggam um papel de apagamento ou estagnação das culturas das populações indígenas. Ao se relacionarem com uma notória diversidade étnica e cultural, que se distanciaram de suas referências estrangeiras e cristãs, Bernardo de Nantes e Martinho de Nantes construíram obras que estabelecessem uma impressão dessas trocas culturais, sendo realizadas de formas unilaterais e com nuances de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

preconceitos e estranhamento. Porém, a compreensão da história do projeto colonial e as necessidades de adaptação cultural experienciada por todas as culturas envolvidas nas dinâmicas sociais são possíveis de serem acessadas a partir de novos questionamentos direcionados às fontes, sejam os escritos de missionários, ou a legislação da época.

No processo de catequização e dos sertões como alvo de um projeto colonial, se pode compreender a necessidade de atribuição de uma religião ao “outro”, neste caso, a atribuição de religiões às populações indígenas a partir dos capuchinhos. Essa afirmativa se faz valer na produção do catecismo de Bernardo de Nantes, ao passo que é notório os apontamentos acerca das práticas culturais das populações Kariri e a necessidade de afirmação de que suas práticas são erradas e a demonstração das práticas “verdadeiras”, em detrimento das “falsas.

Assim, Nantes realizou uma assimilação das práticas endógenas, para a compreensão de quais se assemelhavam a cultura cristã europeia ou não, nessa apropriação e tradução de novas experiências, ele deixa transparecer nas entrelinhas de seus escritos os costumes, valores, resistências e cotidiano da população indígena. Fatos que demonstram a necessidade de análise dos escritos missionários capuchinhos, que além de serem as poucas documentações de fácil acesso a esses universos, possibilitam compreensão das nuances de como que a sociedade brasileira foi sendo desenvolvida e os processos identitários presentes nessas relações.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. **Ponto de Vista**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 8, p. 145-151, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1990/1129>. Acesso em: 13 abr. 2023.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

BARROS, José D'Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. **Varia história**, v. 22, p. 460-475, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384434818012>. Acesso em: 8 abr. 2023.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história** – especialidades e abordagens. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. Matizes culturais do universo” KARIRI”: nas tecituras da oralidade do olhar. **Anais do VI Simpósio Nacional de História cultural** – Escritas da história: Ver-Sentir-Narrar. Teresina, 2012. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Sandra%20Nancy%20Ramos%20Freire%20Bezerra.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2023.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. p. 45-56.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982.

CORRÊA, Luís Rafael Araújo. **Nova História Indígena**: o protagonismo dos índios. 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/nova-historia-indigena-recuperando-o-protagonismo-dos-indios/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.) **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras/SMC/FAPESP, 1992. p. 09-24.

GABRIELLI, Cássia Maria Mingotti. **Capuchinhos bretões no Estado do Brasil**: estratégias políticas e missionárias (1642-1702). 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão: um “outro” geográfico. **Terra Brasilis**, [s. l], v. 5, n. 4, p. 1-9, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>. Acesso em: 20 ago. 2023.

NANTES, Bernardo de. **Catecismo da Língua Kariris**. Leipzig, 1896.

NANTES, Pe. Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco**: Relação sucinta e sincera da missão do padre Martinho de Nantes, pregador

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados cariri. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Mec, 1979.

POMPA, Cristina. **Religião como Tradução:** missionários, tupi e “tapuia” no Brasil Colonial. Bauru: EDUSC, 2003.

SANTOS, Evandro; MACEDO, Helder; ANDRADE, Joel. A história dos sertões em novas perspectivas: contribuições para construção de um campo de pesquisa. *In:* MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Fazendo ciência nos sertões:** experiências e idealizações no Seridó. Sobral: Sertão Cult, 2023. p. 137-162.

THOMPSON, Edward Palmer. Folclore, antropologia e história social. *In:* THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Organizadores Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 227-267.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade